

*Bye, Bye Brasil...**

Eu queria. Juro que eu queria muito escrever sobre coisas leves, flunar em torno de amenidades. Ah, como seria bom falar de superação da crise, contar histórias afetivas, relatar casos com finais felizes. Era tudo que gostaria, mas... Mas, não dá para calar diante de certas situações que são mais do que diagnósticas. Voltar ao Brasil depois de longa viagem, inexoravelmente, implica processo de readaptação. É como se perder novamente em um labirinto que se pensava sinalizado com indicativas de saídas. Difícil mas essa constatação derrota o acalanto de ilusões positivas, cabíveis em retornos. Ao contrário de tantos amigos queridos, sinceramente, não estou vendo a almejada “luz no fim do túnel”. Logo eu que me achava um esperançoso empedernido. E tenho minhas razões. Ao me enca-

minhar para o embarque em Beirute, assisti (outra vez) a uma cena que me fez descer ao inferno da cidadania: mais uma brasileira sendo deportada. O aparato policial era alarmante e até amedrontador, pois

a embarcada era jovem, negra e estava algemada. Os protocolos para essas situações são espetáculos, pois a prisioneira é a última a chegar e a primeira a ser colocada dentro da aeronave. Como as leis internacionais proíbem viagem sem liberdade de movimentos, um funcionário da polícia acompanha a deportada que se senta na última fila. Por lógico, o constrangimento foi contagioso e, na medida das suposições, todos queriam saber quem era, por que e quais os possíveis desdobramentos do caso. Para mim, logo, ficou claro que se tratava de caso de prostituição. Acertei.

No esforço de equilíbrio, tentei me distrair com outras preocupações, mas, sem sucesso algum. O que me ocorria era a nítida lembrança de outro caso, presenciado no aeroporto de Madri há alguns anos. Ao chegar então à Espanha, na passagem pelos guichês de controle de pas-

saportes, vi uma moça sendo impedida e, sob gritos de protestos, ser levada para uma sala de averiguação. Soube depois que se tratava de mais uma “brasileira” suspeita. A soma de histórias sobre “brasileiras e brasileiros que deixam o país” tem me movido a registros que se multiplicam em entrevistas de história oral de vida. Aprendi ao longo de mais de dez anos de gravações que há dois fatores primordiais influenciando nas decisões. Um, primeiro, imediato e pessoal, diz respeito a interesses ligados a busca de melhor lugar social e de novas chances. E todos os limites da vivência brasileira se abraçam em justificativas: falta de oportunidades, preconceitos, decepções sociais. O segundo fator é mais complexo, pois remete a uma negação cultural. Como se justificar deixando o tal “país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”? Sim preside um conflito briguento entre

o ter que sair e o mito encravado na memória coletiva nacional e que preza um histórico de país que recebe (não exporta) gente. Pois é, ainda pensamos que a generosidade divina nos deu um

solo fértil, sem cataclismos, com paisagens invejosas e um povo incruento e cordato. Tudo, é claro, temperado com um sambinha, boa cachaca, comida saborosa e futebol.

Todo turista atrevido se autoriza um pouco antropólogo. Não fujo à essa regra, mas adiciono ao meu olhar o cuidado em ouvir os outros, e, no caso a gravar a versão dos evadidos. É fácil se apaixonar por histórias de vidas de pessoas que, quase sempre, se colocam em situação de risco. Isso, porém não é tudo, pois na troca da aventura pura e simples, dilemas subjetivos se colocam. Como equilibrar a decepção imediata frente a quebra do poderoso mito do Paraíso Tropical? Como trabalhar com a exclusão social, tendo em mira o dramático amor à pátria, às nossas coisas e gente?

Filtradas centenas de histórias, a maioria colhida no “exílio”, mantida a percepção das de-

“Como equilibrar a decepção imediata frente a quebra do poderoso mito do Paraíso Tropical? Como trabalhar com a exclusão social, tendo em mira o dramático amor à pátria, às nossas coisas e gente?”

portações e ciente dos consequentes efeitos diplomáticos entre o país que expulsa e o que compulsoriamente recebe de volta seus “expatriados”, é possível entender a precariedade historiográfica que temos. Encarando os temas “brasileiros fora do Brasil” e “prostituição brasileira no exterior”, ainda que se salvem alguns poucos bons estudos, o que se nota é um vazio assustador. Sim, o vácuo acadêmico/temático afeito a tais fenômenos, lega o assunto a “caso de polícia” ou ao “direito internacional”. Sempre criminalizados os evadidos ficam a margem dos critérios analíticos comuns. Sobras. Silêncio. Alienação geral. Por lógico há conveniências em tais posturas: o ingresso de divisas advindas desses brasileiros se apoia na conveniência governamental que não consegue abrir frentes de trabalhos para pessoas que, prioritariamente, se situam entre 20 e 40 anos. E quantos somos fora do corpo nacional? Quatro ou cinco milhões de pessoas? Como saber?

O avesso deste processo todo é ainda mais perturbador. Fontes do Itamaray contabilizam, no presente, cerca de 2 mil brasileiros detidos em prisões estrangeiras. A maioria está na Europa (1066) e responde por três crimes prevalentes: prostituição ilegal, tráfico de drogas e furtos. Em diferentes países da América Latina (774), estão ligados aos negócios com drogas e armas, além do tráfico de pessoas. Nos Estados Unidos, temos cerca de 700 pessoas prioritariamente presas por presença ilegal e tráfico de drogas. Em diferentes países da Ásia estão encarcerados quase 300 brasileiros e brasileiras envolvidos em prostituição e tráfico de drogas, isso inclusive em países islâmicos onde a pena de morte é rigorosamente praticada. Na América Central, Caribe, África, Oriente Médio e Oceania estão detidos mais ou menos outros 150 patrióticos, presos por motivos combinados.

A simples constatação da persistência desse problema convoca a uma indagação quase insuportável. Se os anos de 1980 foram chamados de “década perdida”, estaríamos agora reeditando o mesmo processo? Sei lá o que dizer, mas uma coisa é certa, faz eco o verso de Chico Buarque ao dizer em uma passagem “Estou me sentindo tão só/ Oh! tenha dó de mim/ Pintou uma chance legal/ um lance lá na capital/ Nem tem que ter ginásial/ Meu amor... Bye, bye Brasil/ A última ficha caiu”.

José Carlos Sebe Bom Meihy
 Professor da UNIGRANRIO e do Diversitas FFLCH/USP

* As ideias contidas neste artigo são de seu(s) autor(es) e não necessariamente expressam as posições oficiais do Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos – DIVERSITAS.